

INSTITUTO FEDERAL

Rio de Janeiro

Campus Arraial do Cabo

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS EM ÁREAS
COSTEIRAS
Campus Arraial do Cabo

Hervaldir Barreto de Oliveira

A AGROECOLOGIA NO MUNICÍPIO DE SAQUAREMA-RJ

ARRAIAL DO CABO – RJ

2019

Hervaldir Barreto de Oliveira

A AGROECOLOGIA NO MUNICÍPIO DE SAQUAREMA-RJ

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Gomes Ferreira

Arraial do Cabo-RJ

2019

Ficha catalográfica elaborada por
Monica de Oliveira Tinoco
CRB7 4850

O48

Oliveira, Hervaldir Barreto de.

A Agroecologia no município de Saquarema-RJ / Hervaldir
Barreto de Oliveira. – Arraial do Cabo, RJ, 2020.
53 f.: il.; 21 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências
Ambientais em Áreas Costeiras) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, 2020.

Orientador: Prof. Dra. Maria Aparecida Gomes Ferreira.

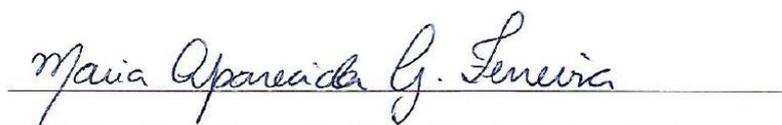
1. Ecologia agrícola – Saquarema (RJ). 2. Agroecologia. I.
Ferreira, Maria Aparecida Gomes. II. Título.

IFRJ/CAC/CoBibCDU 613.95(815.3)

A agroecologia no Município de Saquarema- RJ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de especialista em Ciências
Ambientais em Áreas Costeiras.

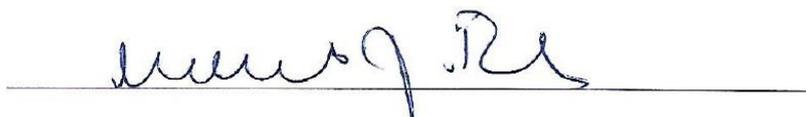
Data de aprovação: 12 de dezembro de 2019.



Profa. Dra. Maria Aparecida Gomes Ferreira (orientadora) – IFRJ – CAC



Prof. Dr. Omar Souza Nicolau (Titular Interno) – IFRJ – CAC



Prof. Me. Marcelo Japiassú Ramos (Titular Externo) – IFRJ – Niterói

Profa. Dra. Ana Paula da Silva (Suplente) – IFRJ – CAC

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a minha família por estar junto a mim em todo o percurso que me trouxe até aqui, por nós consegui. Meus sinceros agradecimentos a minha primeira professora, aquela que me alfabetizou, mesmo não lembrando seu rosto e nem mesmo seu nome. Meus sinceros agradecimentos aos docentes do Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Arraial do Cabo, que diretamente ou não, participaram da construção desse trabalho, em especial à dupla Japiassú e Omar, suas aulas e debates nos deixam com saudades. Entre a enxada e a caneta, minhas mãos foram guiadas pelo desafiante universo da leitura e da escrita por quem me concedeu a honra e o privilégio da orientação: Maria Aparecida Gomes Ferreira, meus sinceros agradecimentos. E, a vocês, companheiros de lutas da Rede Agroecológica de Saquarema: Hércules, Joana e Chico, meus sinceros agradecimentos pela colaboração nessa pesquisa.

OLIVEIRA, Hervaldir B. de. A agroecologia no município de Saquarema - RJ. f. 53. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras. Programa de Pós-graduação *lato sensu* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Arraial do Cabo, Arraial do Cabo, RJ, 2019.

RESUMO

O presente trabalho faz uma discussão sobre a agroecologia, com a proposta de identificar e mapear iniciativas agroecológicas no município de Saquarema-RJ. Utiliza o método cartográfico para acompanhar o processo de surgimento da Rede Agroecológica de Saquarema e sua principal ação: a Feira Alternativa e Agroecológica de Vilatur, apresentando alguns interesses dos sujeitos sociais que expõem seus produtos na Feira, bem como, as dificuldades enfrentadas, como a falta de recursos financeiros e de políticas públicas para a manutenção da mesma e a comercialização da produção.

Palavras-chave: Rede de agroecologia. Feira agroecológica. Saberes populares.

OLIVEIRA, Hervaldir B. de. A agroecologia no município de Saquarema - RJ. f. 53. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras. Programa de Pós-graduação *lato senso* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Arraial do Cabo, Arraial do Cabo, RJ, 2019.

ABSTRACT

This research discusses agroecology, with the proposal of identifying and mapping agroecological initiatives in the municipality of Saquarema-RJ. It uses the cartographic method to observe the process of the emergence of the Saquarema Agroecological Network and its main action: the Alternative and Agroecological Fair of Vilatur, presenting some interests of the social subjects who exhibit their products at the fair, as well as the difficulties faced by them, such as the lack of financial resources and public policies to maintain it and commercialize their production.

Keywords: Agroecology network. Agroecological fair. Popular knowledge.

SUMÁRIO

Introdução	p. 09
1. Breve passeio sobre o conceito de agricultura	p. 10
1.1. Métodos alternativos de agricultura	p. 14
2. Alguns fundamentos da agroecologia	p. 15
2.1. Manejo agroecológico do solo	p. 18
2.2. A pesquisa em agroecologia no Brasil	p. 19
3. Metodologia de pesquisa	p. 23
4. Discussão dos dados	p. 30
5. Considerações finais	p. 47
Referências bibliográficas	p. 50
Anexo I	p. 52
Anexo II	p. 53

INTRODUÇÃO

As concepções de natureza na nossa sociedade vêm se transformando através dos tempos. Refletir sobre essas transformações é vital para compreendermos as consequências do nosso modo de viver e de produzir, nessa relação indissociável entre o ser humano e a natureza. O meio socioambiental representa uma gigantesca rede de elementos que interagem e se tensionam para gerar e manter vida social em abundância.

Segundo Carlos Walter Porto Gonçalves (2006), toda sociedade ou toda cultura cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja a natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos “homens” (sic). O conceito de natureza, além de não ser natural, é variável, pois está diretamente associado às subjetividades, símbolos e costumes de cada sociedade e de cada cultura. Nós somos o socioambiente. Ser vivente, ou não, tudo está relacionado reciprocamente e o que afeta a um, também afeta ao outro. É nesta perspectiva socioambiental que entendemos natureza. Para o autor, tal conceito constitui um dos pilares através do qual os sujeitos sociais estabelecem as suas relações, sua produção material e espiritual, enfim, a sua cultura.

O presente trabalho traz uma reflexão sobre modelos de produção agrícola com o propósito de identificar e mapear iniciativas agroecológicas no município de Saquarema-RJ, investigar os interesses dos sujeitos sociais que expõem seus produtos na Feira Alternativa e Agroecológica de Vilatur (FAAV) e as dificuldades enfrentadas para a manutenção da Feira e comercialização dos produtos, no sentido de contribuir para a construção e socialização do conhecimento e saberes agroecológicos. Utiliza a cartografia (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015) como método de pesquisa para mostrar o esforço da Rede Agroecológica de Saquarema para se estabelecer, frente às restrições impostas pelo modelo de produção agrícola hegemônico, o agronegócio. Uma vez que a discussão sobre agroecologia tem como marco inicial a definição e prática de agricultura, na próxima seção apresentarei uma breve discussão do conceito de agricultura.

1. BREVE PASSEIO SOBRE O CONCEITO DE AGRICULTURA

Podemos dizer que a evolução da espécie humana teve como um dos seus momentos mais impactantes, o surgimento da agricultura, no fim do paleolítico - idade da pedra lascada - há 12.000 anos. Após centenas de milhares de anos de evolução biológica e cultural, as sociedades humanas tinham chegado a fabricar utensílios cada vez mais variados, aperfeiçoados e especializados, graças aos quais tinham desenvolvido modos de predação (caça, pesca, coleta) diferenciados, adaptados aos meios mais diversos. Essa especialização foi acentuada no neolítico - idade da pedra polida - e, foi ao longo desse último período da Pré-história, que várias dessas sociedades, inclusive as mais avançadas naquele momento, iniciaram a transição da predação à agricultura (MAZOYER e ROUDART, 2010).

Mazoyer e Roudart (2010, p. 105), no livro “História das Agriculturas do mundo”, comentam que as primeiras sementeiras aconteceram de forma acidental, próximas às moradias, em lugares de debulha e de preparo culinário dos cereais nativos. A protocultura (primeiras práticas de cultura de vegetais e de criação de animais) teria se desenvolvido nesses mesmos terrenos, já desmatados, enriquecidos de dejetos domésticos, e sobre terrenos regularmente inundados pelas cheias dos rios por sedimentos de aluvião¹, que não exigiam nem desmatamento nem preparo do solo.

Vale destacar que as técnicas rudimentares utilizadas na Idade Antiga, como o uso da charrua (figura 1), (instrumento utilizado para fazer sulcos no solo, para posteriormente fazer a sementeira), mesmo que de forma incipiente, demonstram indícios de degradação ambiental, porque destrói organismos e interações ecológicas importantes para a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas. Ou seja, já vemos aqui uma nuance dessa perspectiva socioambiental que concebe a figura humana como parte fundamental e responsável em qualquer discussão ambiental.

¹Aluvião: depósito recente de sedimentos, como resíduos vegetais, cascalho, lama e areia, de origem fluvial, marinha ou lacustre. Nos rios, esta acumulação de sedimentos é muito frequente como consequência de inundações e ocorre a partir do momento em que as águas perdem a capacidade para transportá-los, geralmente junto dos estuários e em planícies de inundação.

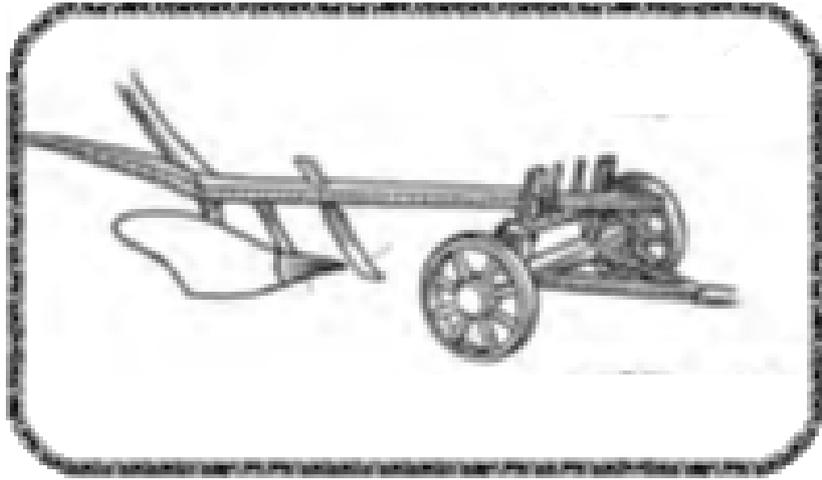


Figura 1. Arado charrua com rodado dianteiro.
Fonte: Mazoyer e Roudart (2010, p. 303, modificado).

Na Idade Média, os inventários dos grandes domínios, os calendários agrícolas, os trabalhos dos historiadores, tudo isso indica que os instrumentos e as práticas de cultivo com tração pesada se generalizaram em grande parte das regiões da metade norte da Europa nos séculos XI, XII e XIII. Entretanto, não há informações disponíveis suficientes para reconstituir com precisão o processo de surgimento dos novos sistemas, tampouco para seguir seu progresso de ano em ano e de região em região (MAZOYER e ROUDART, 2010, p. 324).

Na época moderna, a chamada “primeira revolução agrícola” foi marcada não mais pelo uso coletivo da terra, e sim, pela exploração individual, além da técnica de rotação de culturas (alternando, por exemplo, os cereais de inverno com os de primavera) e o uso de plantas leguminosas². Consequentemente, ocorreu o aumento da produtividade e do retorno econômico para grandes e médios proprietários (FONTANA, 2000).

A “segunda revolução agrícola” da época moderna se deu de outra maneira. Joseph Fontana (2000, p. 121), historiador espanhol, comenta que “os critérios mudaram e os proprietários não procuraram aumentar a produção, mas diminuir seus custos”. Para o historiador, esse foi o surgimento de uma agricultura

² Plantas leguminosas são aquelas que pertencem a uma família de plantas que inclui o feijão e a soja. Elas têm a propriedade de realizar uma relação simbiótica com bactérias (chamadas rizóbios) fixadoras do nitrogênio (N₂) atmosférico e convertê-lo em formatos que podem ser utilizados pelas plantas. O nitrogênio é um dos principais nutrientes aproveitados pelos vegetais.

mercantil. A motomecanização³ agrícola começou a se desenvolver entre as duas guerras mundiais nos grandes espaços das colônias de povoamento europeu estabelecidas em diferentes regiões temperadas do mundo (Estados Unidos, Canadá, Austrália, Argentina...) e, em menor escala, nas regiões de grande cultura da Europa. Mas, é preciso destacar que, em 1945, a tração animal era ainda predominante na maior parte dos países industrializados e a motomecanização só se expandiu verdadeiramente no conjunto desses países depois da Segunda Guerra Mundial (MOZAYER e ROUDART, 2010, p. 426).

Conforme as produções, a motorização e a mecanização se desenvolveram mais ou menos precocemente, os cereais e as outras grandes culturas (girassol, leguminosas de grãos...) foram as primeiras a utilizar tratores e colhedoras-trilhadeiras, e sempre deram o tom ao conjunto desse movimento. É bem verdade que elas ocupavam uma grande parte das terras lavráveis e que ofereciam assim uma ampla abertura à indústria de máquinas agrícolas. A motomecanização estendeu-se, em seguida, à colheita de plantas como a beterraba e a batata, cujos produtos, ricos em água e volumosos, são de fácil manipulação. Em seguida, a motomecanização chega até a ordenha do gado leiteiro, a colheita das forragens, a alimentação do gado confinado e a evacuação de seus dejetos, a vinicultura (cultivo de vinhas, ou seja, plantação de videiras) e as culturas leguminosas e frutíferas (MOZAYER e ROUDART, 2010, p. 426).

Fontana (2000) acrescenta que ao final do século XIX, a produção motomecanizada entra em crise (gerada pela dificuldade de pequenos agricultores de terem que competir com novos países produtores da Europa). Explorar-se mutuamente e manter suas propriedades foi o caminho encontrado pelos camponeses para enfrentar a crise, até chegar ao ponto de não haver outra alternativa, senão abandonar a terra e emigrar. O resultado consistia na saída de milhões de camponeses europeus para terras americanas, a fim de trabalhar no campo ou nos ofícios urbanos que tinham, ainda, um forte componente manual.

O capitalismo agrícola fracassara nos países avançados e, nos países menos desenvolvidos, as consequências foram ainda piores. A agricultura respondia, ao final da Segunda Guerra Mundial, a dois modelos básicos: nos países extra-

³ A motomecanização na agricultura representa a execução por máquinas agrícolas de serviços, antes feitos manualmente.

européus de colonização (como Nova Zelândia, Estados Unidos ou Austrália), dominava um modelo extensivo de baixos rendimentos por hectare e de uma elevada produtividade. Em outros, nos quais a industrialização chegou tardiamente, com um excesso de braços e escassez de terra, desenvolveu-se uma agricultura de altos rendimentos de unidade de superfície, porém, com grandes quantidades de trabalho (como Taiwan e Japão) (FONTANA, 2000, p. 128).

Os Estados Unidos, a Grã Bretanha e a França foram exemplos de países que conseguiram reaproveitar a mão de obra excedente da agricultura com os seus próprios processos de industrialização. Também não resolvia o problema expulsar a mão de obra excedente deste setor pela via da imigração, como fizeram Alemanha, Itália ou Espanha em fins do século XIX e começo do XX, porque os países desenvolvidos não necessitam, hoje, desta força de trabalho e se esforçam para impedir sua entrada (FONTANA, 2000, p. 129 e 130).

Uma resposta fomentada pelos Estados Unidos foi apresentada a essa questão. Ao final da Segunda Guerra Mundial, a perspectiva de fome e inquietação social, que ameaçava os novos países independentes do chamado “terceiro mundo”, ocasionou uma grande campanha internacional, patrocinada pelos Estados Unidos (especialmente pelas fundações Rockefeller e Ford), e pelo Banco Mundial, com a finalidade de introduzir melhorias na agricultura destes países (FONTANA, 2000, p. 130). Esse pacote tecnológico ficou conhecido por “Revolução Verde”, na análise do agrônomo e doutor em sociologia Jalcione de Almeida. Segundo esse autor (2004, p. 7):

na segunda metade do século XX, vários países latino-americanos engajaram-se na intitulada Revolução Verde, um ideário produtivo proposto e implementado nos países mais desenvolvidos após o término da Segunda Guerra Mundial, cuja meta era o aumento da produção e da produtividade das atividades agrícolas, assentando-se para isso no uso intensivo de insumos químicos, das variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, da irrigação e da motomecanização. Políticas públicas nacionais foram criadas, tendo a pesquisa agrícola e a extensão rural - aliadas geralmente ao crédito agrícola subsidiado - como os principais instrumentos para a concretização dessas políticas. No Brasil, a partir de meados da década de 1980, com a inviabilização dos subsídios ao crédito, tornam-se gradativamente mais visíveis as consequências menos gloriosas do padrão de agricultura introduzido com a Revolução Verde. A contestação à agricultura e às formas de organização produtivas oriundas desse ideário traz em seu rastro uma série de manifestações sociais que passam a adquirir crescente importância e legitimidade nos anos mais recentes.

Apesar dos resultados espetaculares obtidos na produtividade, a Revolução Verde ergueu um mundo ainda mais injusto socioambientalmente. Tal argumento se justifica no fato de que, nas sociedades, a agricultura tem seus padrões tecnológicos determinados pelas relações de poder. Segundo Paulo Petersen (2012, p. 42),

uma das principais lições aprendidas com o estudo da história da agricultura é que a superação de um padrão de organização produtiva por outro nunca ocorreu como resultado automático de novas descobertas tecnológicas. A adoção em larga escala de outros sistemas técnicos na agricultura costuma esbarrar em obstáculos político-institucionais, mesmo quando esses sistemas já tenham comprovado sua capacidade para responder a críticos dilemas enfrentados pelas sociedades em determinados momentos de suas trajetórias históricas.

Assim, depois de algum tempo de Revolução Verde, vemos alguns métodos alternativos de agricultura emergirem. É sobre esses métodos que discutirei na próxima seção.

1.1. MÉTODOS ALTERNATIVOS DE AGRICULTURA

Segundo Petersen (2012, p. 42), após a Revolução Verde, “a situação mais comum foi a convivência de diferentes sistemas de agricultura no tempo e no espaço, sendo uns dominantes (ou convencionais) e outros emergentes (ou alternativos)”. Para o autor, esses sistemas alternativos, hoje denominados de agriculturas alternativas, podem ser definidos como sistemas sociotécnicos, desenvolvidos em resposta a bloqueios sociais, econômicos e/ou ambientais encontrados na agricultura convencionalmente praticada em contextos históricos definidos. Dependendo das condições políticas e institucionais vigentes, esses sistemas técnicos alternativos podem permanecer como opções subvalorizadas pela sociedade ou podem suplantam os padrões convencionais de produção.

No início do século XX, os avanços ocorridos no campo da biologia, da química agrícola e da mecânica provocaram, em diversos países, o surgimento dessas agriculturas alternativas com diferentes denominações: orgânica, biológica, natural, ecológica, biodinâmica, permacultura⁴, entre outras, cada uma delas, em

⁴ Após algumas leituras de Bill Mollison, idealizador da permacultura, creio se tratar de um exercício para incentivar à busca de novas formas de percepção do mundo, para a espécie humana voltar a harmonizar-se com a natureza.

seus respectivos territórios, seguindo determinadas filosofias, princípios, tecnologias, normas e regras, conforme as correntes a que estão aderidas (CAPORAL e COSTABEBER, 2004, p. 7).

É preciso destacar que, para se dissociar da visão marginalizada e haver um reconhecimento dessas práticas e culturas como agricultura alternativa, muitas disputas sucederam-se. Em um ambiente dominado pela ideia de progresso e pelo avanço da civilização urbano-industrial, os movimentos de agricultura alternativa foram logo desqualificados como retrógrados e sem validade científica (PETERSEN, 2012, p. 46). Isto porque o conhecimento científico, principalmente aquele produzido, segundo o paradigma dominante de pesquisa (SANTOS, 2010), sempre subjuguou outras formas de saber. Nesse sentido, algumas perguntas podem ser feitas neste momento, a saber: como as relações hierárquicas entre os saberes agrícolas e o conhecimento dominante podem se relacionar com interesses econômicos do mundo capitalista? Como relacionar essa hierarquia de saberes e vozes com os sujeitos sociais envolvidos nessas diferentes formas de produção? Como trazer visibilidade e legitimidade a essas vozes, saberes e sujeitos populares subalternizados quando comparados aos conceitos e sujeitos científicos?

As tentativas de respostas para tais perguntas serão apresentadas ao longo desse trabalho. A seção adiante apresenta uma fundamentação teórica a respeito da agroecologia, lembrando alguns nomes que a representa.

2. ALGUNS FUNDAMENTOS DA AGROECOLOGIA

O crescimento de uma consciência social crítica e ativa diante dos efeitos da agricultura convencional criou o ambiente propício para a reemergência dos movimentos contestadores, como os já citados movimentos de agricultura alternativa (PETERSEN, 2012, p. 46 - 47). Paulo Frederico Petersen (2012, p. 47), agrônomo e presidente da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), afirma que a associação de um número crescente de pesquisadores a esses movimentos resultou em importantes desdobramentos nas décadas seguintes, com a sistematização de um novo enfoque científico: a agroecologia.

De acordo com Stephen Gliessman (2000), a agroecologia parece ter surgido na década de 1930, como sinônimo de ecologia aplicada à agricultura. Eugene

Odum (2017, p. 3) destaca a importância da ecologia para a civilização humana, ao propor que:

o homem (sic) tem-se interessado pela ecologia, de uma forma prática, desde os primeiros tempos da sua história. Na sociedade primitiva cada indivíduo, para sobreviver, precisava de ter um conhecimento concreto do seu ambiente, isto é, das forças da natureza, das plantas e dos animais que o rodeavam. A civilização começou, de fato, quando o homem (sic) aprendeu a servir-se do fogo e de outros instrumentos para modificar o seu ambiente. Para a humanidade no seu conjunto é mesmo mais necessário do que nunca possuir um conhecimento inteligente do ambiente em que vive, condição de sobrevivência de nossa complexa civilização, uma vez que as leis da natureza fundamentais não foram revogadas; apenas a sua natureza aparente e as relações quantitativas se foram alterando à medida que a população humana foi aumentando e se expandiu o poder do homem (sic) para alterar o ambiente.

Todavia, esse “flerte” entre esses componentes das ciências agrárias e das ciências ambientais não se fortaleceu o suficiente, para suportar o advento, três décadas depois, da chamada Revolução Verde. Guhur e Toná (2012, p. 61) comentam que, somente na década de 1980 encontramos um marco na história da agroecologia, já que o engajamento de alguns pesquisadores, como Miguel Altieri e Sevilla Guzmán, resultou na produção de notáveis trabalhos. A partir desse momento, a agroecologia ganhou visibilidade. O empenho desses, e de alguns outros estudiosos da agroecologia, culminou na subdivisão desse movimento, provocando o surgimento de correntes agroecológicas.

A corrente americana e a corrente europeia de agroecologia são atualmente as mais significativas. A primeira tem como ícones Miguel Altieri - entomólogo chileno e professor na Universidade de Berkeley, na Califórnia - e Stephen Gliessman - ecólogo da Universidade de Santa Cruz, também na Califórnia - (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 61). Tal constatação se deve, entre outros motivos, pela vasta produção intelectual e participação e coordenação de projetos universitários de ambos os pesquisadores. As contribuições desses dois pesquisadores “permitiu a organizações promotoras da agricultura alternativa maior consistência conceitual e metodológica” (PETERSEN, 2012, p. 47).

Por volta da metade da década de 1980, a Espanha, mais especificamente na região da Andaluzia, passa a ser reconhecida como o “berço” da corrente europeia da agroecologia. Com um viés mais sociológico, tem como destaque Eduardo Sevilla Guzmán (professor do Instituto de Sociologia e Estudos Campesinos da

Universidade de Córdoba, na Espanha) e Manuel González de Molina (historiador e catedrático da Universidade Pablo de Olavide, também na Espanha) em virtude da projeção internacional de suas obras (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 61).

Todavia, mesmo com esses diferentes movimentos e buscas por formas alternativas de produção agrícola, é possível reconhecer que ainda persiste a valorização dos conceitos e saberes científicos em detrimento das vozes e saberes populares ou não especializados (SANTOS, 2010). As seções seguintes do trabalho pretendem discutir um pouco desses tensionamentos, no intuito de trazer maior visibilidade e legitimidades a essas vozes e saberes subalternizados e desconsiderados.

Antes, porém, vale lembrar que no Brasil, os fundamentos práticos para uma agricultura ecológica já existiam anteriormente ao período da modernização. Imigrantes europeus introduziram sistemas de produção baseada na gestão de recursos naturais oriundos da primeira revolução agrícola, sendo marginalizados pela política da modernização. Pode-se dizer que os nativos, descendentes de índios, dominavam um saber que tinha por base as leis da natureza e que, embora não fosse competitivo com os sistemas modernos, tinha uma relação direta com os ecossistemas naturais (BRANDENBURG, 2002, p. 1).

Não obstante, segundo Brandenbug (2002, p. 1), enquanto um movimento socialmente organizado, a agricultura alternativa tem sua origem na década de 1970. Surge como um contra-movimento, uma via alternativa à política de modernização agrícola. Esta, pelo seu caráter excludente, viria provocar uma reação de grupos de agricultores familiares não contemplados pelos benefícios dos subsídios governamentais, provenientes do crédito agrícola, ou de outros serviços prestados por órgãos públicos destinados a orientar o agricultor, prestar serviços e fomentar infraestrutura de apoio no meio rural.

O catarinense de Joinville, Alfio Brandenburg (2002, p. 1 - 2), agrônomo com mestrado e doutorado em sociologia, argumenta que os grupos alternativos serão formados por agricultores familiares em via de exclusão, ou excluídos diretamente pelos mecanismos de expropriação da política agrícola. Sem assistência dos serviços oficiais estes agricultores serão agentes de ação de órgãos ligados à ala progressista da Igreja Católica ou Protestante. As chamadas Comissões Pastorais da Terra (CPTs) irão desenvolver um trabalho junto aos agricultores e, em alguns casos, inclusive através de órgãos criados com finalidade específica, como o caso

da Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural (ASSESSOAR), no oeste do Paraná e da Associação de Hortigranjeiros do Município do Turvo no centro-oeste do Paraná, Centro Vianei de Educação Popular em Santa Catarina, Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor e Centro de Tecnologias Alternativas e Populares (CETAP), no Rio Grande do Sul.

As citadas organizações desenvolverão um serviço de assistência aos agricultores numa perspectiva política crítica à modernização da agricultura. Sob o ponto de vista técnico, resgatam-se práticas tradicionais e já conhecidas dos agricultores, visando compor um conjunto de estratégias que permitiriam a reprodução social dos agricultores no campo. A agricultura alternativa representa uma opção de sobrevivência para o agricultor familiar e significa a reconstrução de uma relação socioambiental mais ética e responsável cuja raiz tem origem na condição camponesa (BRANDENBURG, 2002, p. 2).

Embora os modelos europeus inspirem formas alternativas de organização da produção, a agricultura alternativa brasileira surge em meio a contextos de uma política agrária excludente, motivada por organizações politicamente engajadas e visando a construção de uma sociedade democrática e com a perspectiva de transformação social. Recentemente, jovens agricultores com formação técnica ou acadêmica dinamizam a agricultura alternativa e atuam no sentido de obter um reconhecimento societário e uma institucionalização do padrão agroecológico de produção (BRANDENBURG, 2002, p. 2). Essa disputa entre saberes ou hierarquização de saberes é também condicionada pelo variável nível de engajamento e legitimidade de certas instituições, organizações ou coletivos. Daí se concluir que a hierarquização desses saberes, ou vozes sociais, é a mesma coisa que hierarquização dos sujeitos sociais ou das vidas humanas em questão. Na próxima seção, discutirei algumas características desse padrão.

2.1. MANEJO AGROECOLÓGICO DO SOLO

Conforme Anne Marie Primavesi (2008, p. 9), a Ecologia se refere ao sistema natural de cada local, envolvendo o solo, o clima, os seres vivos, bem como as inter-relações entre esses três componentes. Trabalhar ecologicamente ou biointeracionalmente (SANTOS, 2015) significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida. Sempre que os manejos agrícolas são realizados

conforme as características locais do ambiente, alterando-as o mínimo possível, o potencial natural dos solos é aproveitado. Por essa razão, a Agroecologia depende muito do saber prático de cada agricultor desenvolvido a partir de suas experiências e observações locais.

A referida Engenheira Agrônoma austríaca, naturalizada brasileira, aponta que o manejo agroecológico dos solos se baseia em cinco pontos fundamentais:

a) solos vivos (com a presença de variadas formas de organismos interagindo entre si e com os componentes minerais e orgânicos do solo) e agregados (bem estruturados);

b) biodiversidade (a manutenção de grande diversidade de plantas em uma mesma área é uma estratégia da natureza para construir maiores níveis de estabilidade na produção biológica);

c) proteção do solo contra o aquecimento excessivo, o impacto das gotas de chuva e o vento permanente (os solos devem ser cobertos por uma camada de palha ou por uma vegetação densa, nem que seja com dois centímetros de espessura, para proteção contra os ventos e conservar a água ao alcance das raízes mesmo após longo período sem chuvas;

d) bom desenvolvimento das raízes e;

e) autoconfiança do agricultor, pois nas últimas décadas incutiu-se nos agricultores a crença de que eles dependem de assistência técnica para manejar seus solos já que não conseguem interpretar por si sós as análises químicas (PRIMAVESI, 2008, p. 9 e 10). A pesquisa em agroecologia desenvolvida no país será analisada na seção, a seguir.

2.2. A PESQUISA EM AGROECOLOGIA NO BRASIL

No Brasil, as atividades de pesquisa são realizadas em instituições públicas por pesquisadores voluntários, ou por Organizações Não Governamentais. Igualmente, nas universidades, nas Faculdades de Agronomia, o perfil institucional do Agrônomo é do tipo convencional. Os “profissionais alternativos” não obtêm sua formação nas escolas, mas por sua iniciativa a partir dos grupos informais de estudantes, que buscam formação complementar nas experiências de grupos de agricultores, empresas, associações ou organizações não governamentais (BRANDENBURG, 2002, p. 14).

Jean Marc Weid (2006, p. 6) sinaliza que foram dados passos modestos, mas importantes, em meio aos sistemas oficiais, como alguns institutos de pesquisa estaduais e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Esta última possui um grupo significativo de pesquisadores apoiado pela atual diretoria da Embrapa, iniciando um esforço, mais ambicioso, de formular uma estratégia de incorporação do enfoque agroecológico na empresa, como a implantação do projeto Fazendinha Agroecológica Km 47 (figura 2). Mesmo que essa iniciativa ainda não tenha se traduzido em formulação de propostas de pesquisa articuladas a processos de desenvolvimento local, condição essencial para que venham a ser efetivas, ela permitiu que se fortalecessem institucionalmente núcleos precursores e ainda isolados de pesquisadores empenhados nessa perspectiva (WEID, 2006, p. 6).



Figura 2. Fazendinha agroecológica Km 47, Embrapa Agrobiologia, Seropédica – RJ.
Fonte: Hervaldir Barreto de Oliveira/Arquivo pessoal, 2017.

Nesse sentido, um bom exemplo a ser dado é o Engenheiro Agrônomo e professor emérito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Raul de Lucena Duarte Ribeiro. Na pesquisa, em 1993, foi idealizador, juntamente com o amigo e pesquisador Dejair Lopes de Almeida (entre outros), do projeto da “Fazendinha Agroecológica Km 47”, estabelecendo uma inédita

parceria entre UFRRJ/Embrapa Agrobiologia/Pesagro-Rio, sendo considerada referência nacional e internacional em pesquisa, ensino e extensão em agroecologia. Outra importante realização de Raul Lucena foi a fundação, em 1985, da Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (Abio).

Em 2017, na condição de estudante do curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo (UFRRJ) e estagiário da Fazendinha, tive a oportunidade e honra de conhecer Raul Lucena ministrando uma de suas últimas aulas, em Dia de Campo, para a turma de mestrado em Agricultura Orgânica (figura 3). No dia 24 de junho de 2018, a agroecologia brasileira perde um de seus principais representantes, Raul falece aos 81 anos de idade.



Figura 3. Raul Lucena (*in memoriam*), Embrapa Agrobiologia, Seropédica-RJ.
Fonte: Hervaldir Barreto de Oliveira/Arquivo pessoal, 2017.

Caporal e Costabeber (2004) acrescentam que, atualmente, é preciso revisar as políticas de pesquisa e de transferência de tecnologias agropecuárias, partindo-se de uma distinção clara de interesses, características e potencialidades de cada tipo de público. Nesse contexto, parece prudente afirmar-se que a adequação tecnológica nas pequenas unidades de produção passa, necessariamente, pela

valorização das tecnologias alternativas de menor custo e pelo uso racional dos recursos energéticos locais. De acordo com Caporal e Costabeber (2004 apud FAO, 1992, p. 28), se trata de substituir, até onde seja possível, os ‘insumos materiais’ por ‘insumos intelectuais’, ou potencializar aqueles por este”. Isso ampliaria o leque de oportunidades para aquela maioria da população rural que se vê seriamente ameaçada pela degradação ambiental, agravada pela pequena extensão das glebas, marginalidade das terras, pressão demográfica e desamparo dos serviços assistenciais do Estado (CAPORAL e COSTABEBER, 2004, p. 8).

Miguel Altieri (2004, p. 111), corroborando com o ponto de vista de Caporal e Costabeber (2004, p. 8), considera que é crucial que os cientistas envolvidos na busca por tecnologias agrícolas sustentáveis se preocupem com quem, finalmente, se beneficiará com elas. Isso exige que eles reconheçam a importância do fator político quando as questões científicas básicas são colocadas em discussão, e não somente quando as tecnologias são distribuídas à sociedade. Assim, o que é produzido, como é produzido e para quem é produzido são questões-chave que precisam ser levantadas, caso se queira fazer surgir uma agricultura socialmente justa. Quando tais questões são examinadas, temas como posse da terra, mão-de-obra, tecnologia adequada, saúde pública, política de pesquisas, etc., sem dúvida, emergirão.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Os estudos básicos que orientaram os argumentos apresentados neste trabalho foram realizados na Biblioteca Central da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), campus Seropédica. A revisão literária foi direcionada ao acervo de livros e periódicos presentes em banco de dados desta instituição.

Conceitos fundamentais como agroecologia, saberes tradicionais, agricultura alternativa e métodos de pesquisa foram utilizados para facilitar as buscas nas fontes de consulta. Durante o processo de realização da pesquisa foi selecionado um total de 27 trabalhos que contribuíram com seus textos na discussão da temática.

A cartografia (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015) foi o método de pesquisa selecionado para atingir os objetivos propostos neste trabalho. No sentido original, a Cartografia é um conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo como base os resultados de observações diretas, ou a análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização (IBGE, 1999).

Souza e Francisco (2017) comentam que a cartografia como método de pesquisa, no âmbito das ciências sócio-humanas, foi proposta por Félix Guattari e Giles Deleuze, dentro dos estudos relativos ao acompanhamento de processos e produção de subjetividades.

No Brasil, esta metodologia é relativamente recente, mas com contribuições muito significativas em pesquisas no campo da saúde coletiva, educação e políticas públicas. Embora ainda recente no contexto brasileiro de pesquisas qualitativas, a cartografia vem, progressivamente, conquistando espaços de estudos nas academias, tomando maior consistência no âmbito de sua prática como método, com resultados muito significativos e interessantes no que diz respeito ao acompanhamento de processos e produção de subjetividades, no campo das ciências sociais, políticas públicas e saúde coletiva (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015). O desafio que nos lança o método da cartografia, em linhas gerais, é o de exercitar a sustentação da abertura de pensamento para receber, sem preconceitos, tudo o que for se apresentando no

processo de pesquisar como condição de possibilidade para se produzir conhecimento pertinente e consistente (SOUZA e FRANCISCO, 2017).

A cartografia aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e ambientais. Esse método vem ajudando na realização da pesquisa porque permite uma análise crítica da Rede Agroecológica de Saquarema, além de possibilitar o acompanhamento e a descrição dos processos inerentes as suas ações iniciais: a Feira Alternativa e Agroecológica de Vilatur e o Projeto Escola Livre de Agroecologia. Para Filho e Teti (2013), a cartografia é mais que um mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, nas práticas de resistência e de liberdade. É uma estratégia de análise crítica e ação política, um olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência.

Como parte dessa metodologia de pesquisa, pretende-se realizar entrevistas semi-estruturadas com expositores da Feira Alternativa e Agroecológica de Vilatur (FAAV), com objetivo de investigar os interesses dos sujeitos sociais que expõem seus produtos na Feira bem como as dificuldades enfrentadas para a manutenção da mesma e a comercialização dos produtos.

A pesquisa foi desenvolvida no município de Saquarema-RJ (figura 3), bairro Vilatur, da Região dos Lagos ou região turística da “Costa do Sol” (RJ), autodenominada “Capital do Surf” (figura 4).

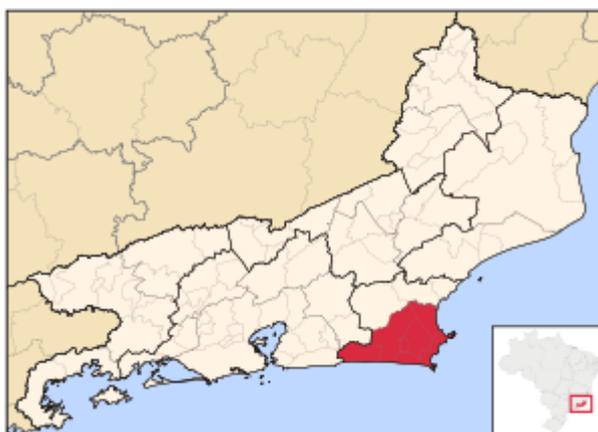


Figura 3. Localização do município de Saquarema no mapa da divisão político-administrativa do estado do Rio de Janeiro.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_dos_Lagos.



Figura 4. Praia de Itaúna, denominada “Maracanã do Surf”.
Fonte: Hervaldir Barreto de Oliveira/Arquivo pessoal.

As origens de Saquarema se perdem nos primórdios da história do Brasil, quando D. João III, Rei de Portugal, em 1530, mandou uma frota, sob o comando de Martin Afonso de Souza. A frota aqui chegou, em março de 1531, encontrando na região índios Tamoios, que davam à terra o nome de “Socó-Rema”, em vista da existência de numerosos bandos de aves pernaltas, conhecidas como “Socó”. Atualmente, o município é constituído de três distritos: Saquarema, Bacaxá e Sampaio Correa (IBGE, 1957-1964). A população estimada para 2018 foi de 87.704 pessoas (74.234 no último censo, 2010) e densidade demográfica de 209,96 hab/km² (2010). Em 2016, o salário médio mensal era de 2.0 salários mínimos. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 36.3% da população nessas condições (IBGE, 2017).

Em 2015, os alunos matriculados nas séries iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 5.3 no IDEB. Para os alunos das séries finais, essa nota foi de 4.1. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos das séries iniciais colocava esta cidade na posição 30 de 92. Considerando a nota dos alunos das séries finais, a posição passava a 48 de 92 (IBGE, 2017).

Saquarema apresenta 54.6% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 59.6% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 21.4% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 82 de 92, 52 de 92 e 77 de 92, respectivamente (IBGE, 2017).

De acordo com o Censo Agropecuário do IBGE (2017) (tabela 1), o município possui 454 estabelecimentos agropecuários, sendo divididos da seguinte maneira:

- a) Por gênero: 362 produtores homens, 82 produtores mulheres e 10 produtores não se aplica;
- b) Por escolaridade e/ou formação técnica: 31 produtores nunca frequentaram a escola, 261 tem o ensino fundamental, 74 tem o ensino médio, 68 tem graduação, 10 tem mestrado e/ou doutorado e 10 não se aplica;
- c) Por cor ou raça: 218 brancas, 39 pretas, 1 amarela, 183 pardas e 1 indígena;
- d) Por assistência técnica: 95 recebem e 349 não recebem;
- e) Pelo uso de agrotóxicos: 155 usam e 432 não utilizam;
- f) Pelos recursos financeiros: 12 produtores possuem empréstimos ou financiamentos e 442 produtores não possuem;
- g) Pelas espécies cultivadas: na lavoura permanente, a banana é cultivada por 127 estabelecimentos (com 50 pés e mais), o coco-da-baía é cultivado por 90 estabelecimentos (com 50 pés e mais), o limão é cultivado por 26 estabelecimentos (com 50 pés e mais), a laranja é cultivada por 20 estabelecimentos (com 50 pés e mais), a mandioca é cultivada por 148 estabelecimentos, o feijão-preto por 18 estabelecimentos, a abóbora por 15 estabelecimentos e a cana-de-açúcar por 11 estabelecimentos.

Tabela 1. Censo agropecuário do município de Saquarema-RJ.

Estabelecimentos Agropecuários - 454

Por gênero	
Produtores	362
Produtoras	82
Não se aplica	10
Por escolaridade e/ou formação técnica	
Nunca frequentou	31
Ensino fundamental	261
Ensino médio	74
Graduação	68
Mestrado/doutorado	10
Não se aplica	10
Por cor ou raça	
Branca	218
Preta	39
Amarela	1
Parda	183
Indígena	1
Por assistência técnica	
Recebem	95
Não recebem	349
Pelo uso de agrotóxicos	
Usou	155
Não utilizou	432
Pelos recursos financeiros: empréstimos/financiamentos	
Obteve	12
Não obteve	442
Pelas espécies cultivadas	
	Numero de estabelecimentos com 50 pés e mais
Banana	127
Coco-da-baía	90
Limão	26
Laranja	20
Mandioca	148
Feijão-preto	18
Abóbora	15
Cana-de-açúcar	11
Área dos Estabelecimentos	9.162 ha

Fonte: IBGE/Resultados definitivos, 2017.

Vilatur (figura 5) é um bairro litorâneo que pertence ao primeiro distrito de Saquarema, situado entre a Lagoa de Jacarepiá (única lagoa de água doce da região dos lagos) e a Praia de Massambaba, integrando a Área de Proteção Ambiental (APA) de Massambaba e o Parque Estadual Costa do Sol.



Figura 5. Praia de Vilatur.

Fonte: Hervaldir Barreto de Oliveira/Arquivo pessoal, 2019.

A origem de Vilatur está associada ao grande loteamento Ville Tour, lançado há cerca de 40 anos, numa área que pertenceu à antiga Fazenda de Ipitangas. Aos poucos vem sendo descoberto pelos veranistas que frequentam principalmente a praia, no verão, e ficam hospedados em pousadas ou casas alugadas que mais tarde acabam se tornando suas segundas moradias. Tornou-se um bairro atrativo para a classe média, principalmente vinda do Rio de Janeiro, em busca de um ambiente saudável. Em 1986, o Governo do Estado decretou uma área de preservação ambiental que constitui hoje a chamada Reserva de Vilatur, onde se encontram espécies raras da Mata Atlântica, principalmente da restinga, com suas orquídeas e bromélias nativas e o raríssimo mico-leão-dourado. Esta área, embora cercada e sobre proteção oficial, vive sendo agredida por vândalos, invasão de gado, incêndios, furtos de plantas e até abandono de automóveis (O SAQUÁ, 2010).

Testemunha de todas estas mudanças no bairro, Jair Antonio de Amorim, o popular Jajá, pastorava bois em Vilatur, junto com seu pai, Júlio Amorim, na época da Fazenda Ipitangas. Nascido e criado em Bacaxá, Jajá conta que vinha de Itaúna, onde ficava o curral, a pé. Hoje, mantém com a família o famoso Bar do Jajá, na beira da praia (O SAQUÁ, 2010).

Há uma associação de moradores em Vilatur, a Associação de Moradores e Amigos de Vilatur (AMATUR), criada em 05 de maio de 2018, é uma associação independente, apartidária, de âmbito local, sem fins lucrativos, constituída por

moradores, veranistas e amigos que se uniram com interesse de contribuir para melhorias no bairro de Vilatur. Tem como objetivo geral promover e estimular o relacionamento entre as pessoas no apoio às iniciativas no âmbito social, recreativo, esportivo, ambiental e cultural. Suas ações visam, entre outras: promover a melhoria dos serviços essenciais impactando na qualidade de vida de todos; estimular à convivência social e o cuidado com os espaços comuns; sensibilizar a preservação das áreas de preservação ambiental (APA Massambaba); apoiar e incentivar o desenvolvimento do comércio e negócios local; contribuir com as instituições locais (outras associações, igrejas, fundações etc.) (AMATUR, 2018).

Dois moradores de Vilatur, que serão apresentados a seguir, foram selecionados por mim para participarem de uma entrevista semiestruturada para esta pesquisa.

Antes de fazer a escolha dos entrevistados, estive presente em cerca de 10 edições da FAAV conversando várias vezes, informalmente, com todos os expositores. A decisão de entrevistar o Hércules se justifica pela legítima liderança que exerce sobre esta coletividade, ele acredita no que faz, além de sua ampla e ativa participação no campo da agroecologia.

Joana, assim como Hércules, foi entrevistada em Vilatur, na FAAV, uma única vez. Sua motivação em participar da Rede me chamou a atenção, é muito lúcida quando fala das dificuldades para colocar em prática a FAAV e o Projeto ELA. Demonstra uma enorme vontade de aprender toda diversidade de saberes que constituem a agroecologia e foi muito importante e enriquecedor para a pesquisa registrar as práticas e reflexões de uma mulher.

4. DISCUSSÃO DOS DADOS

Desde o ano de 2016, venho realizando pesquisas independentes no campo da agroecologia, na tentativa de identificar e mapear focos de agroecologia no município de Saquarema/RJ. Associando às pesquisas à minha experiência de agricultor, criei três projetos: Projeto SIPARC (Sistema Integrado de Produção Agroecológica em Roças Caiçaras), Projeto Escola de Agroecologia: uma esperança brotando no chão da sala de aula e o Projeto QADEC (Quintais Agroecológicos Destinados às Escolas do Campo) que será apresentado no próximo ano ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola/PPGEA da UFRRJ.

O presente trabalho é um recorte dos focos de agroecologia identificados e visa acompanhar o processo de surgimento e estabelecimento da Rede Agroecológica de Saquarema, nos anos de 2018 e 2019. A decisão de investigar a Rede com mais detalhamento se justifica na relevância de suas propostas (que serão apresentadas mais adiante), apesar de não desconsiderar a importância das outras propostas que foram encontradas, nas regiões de: Tinguí (implantada por alguns sitiantes), no centro da cidade (Feira de Agricultura Orgânica e Agroecológica, promovida pela Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento) e em Bicuíba (Projeto SIPARC, destinado às pequenas áreas – 100m² a 1.000m² - que permite uma produção de qualidade sanitária e nutricional, diversificada e em quantidade) (figura 7).



Figura 7. Projeto SIPARC, foco de agroecologia em Bicuíba, Saquarema-RJ.
Fonte: Hervaldir Barreto de Oliveira/Arquivo pessoal, 2017.

No mês de julho de 2018, Hércules⁵, um ex-fabricante de pranchas de surf e ex-estudante do curso de agronomia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ, e sua família, iniciaram as atividades da Rede. Ao lhe perguntar como conheceu a agroecologia (entrevista, pergunta n. 1), ele me respondeu: “eu conheci a agroecologia, é, na verdade, eu conheci antes da agroecologia né. Esse tipo de agricultura eu conheci foi na Universidade Rural, só que ela tinha um outro nome, ela era agricultura alternativa, isso em 1992. Teve um congresso de agronomia, e aí, uma bancada de livros, é, tinha lá o livro, não vou lembrar o autor, na verdade era um livro que falava sobre o congresso de agricultura alternativa. Então foi a partir daí que eu me interessei em conhecer essa técnica, e aí com o desenrolar do tempo, tudo isso virou agroecologia”.

Hércules teve acesso ao conceito de agroecologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, há aproximadamente 20 anos. Momento em que era desconhecida pelos agricultores e, também, no próprio meio acadêmico. Vale ressaltar que se trata de um conceito formal e institucionalizado, geralmente esse acesso era mais provável ocorrer por esta via.

Segundo Hércules e sua esposa, em conversa informal: “somos uma família que decidiu realizar o sonho de viver em um espaço de 2.500 m² (figura 8), no bairro Vilatur, produzindo seu próprio alimento, vivendo uma vida minimalista em comunhão com a natureza. Produzimos alimento sem a utilização de defensivos químicos, utilizando a agroecologia e a permacultura como base de nossa produção. Todos os nossos produtos são cultivados ou criados em nosso espaço, por ser pequeno, optamos em oferecer aos nossos clientes, uma linha de produtos finos, prontos para o consumo, sempre com o objetivo de oferecer novidades que não existem no mercado. Prestamos assessoria em jardins, hortas, residências, sítios, além de oficinas e palestras em escolas”.

Por se contrapor ao discurso desenvolvimentista, Hércules e sua família decidiram dar um basta ao consumismo capitalista, optando por viver da produção

⁵Hércules é o nome fictício utilizado para preservar a identidade do criador da Rede Agroecológica de Saquarema, já que, o mesmo, participou de uma entrevista semiestruturada, onde foi oferecido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, também, pelo motivo de que os resultados desta pesquisa se tornarão públicos. Ele aparentemente está na faixa de 40 anos de idade e tem ensino médio concluído.

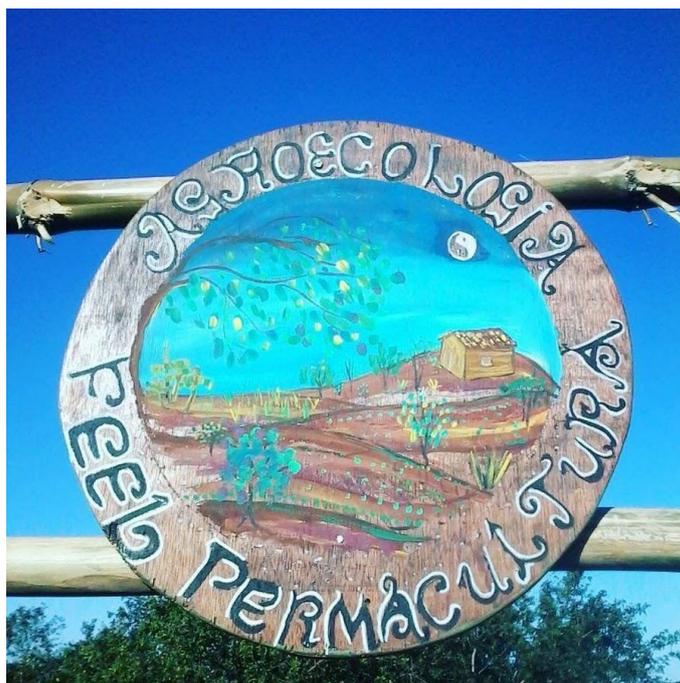


Figura 8. Propriedade de Hércules e família.
Fonte: Youtube.com

do próprio alimento, comprando o mínimo de produtos em mercados, mercearias, para não alimentar o sistema capitalista e depender cada vez menos dele.

O termo defensivo agrícola utilizado por Hércules é institucional, haja vista que ele foi estudante de agronomia de uma instituição pública federal, tendo acesso ao termo. Além disso, é um pesquisador independente, faz seus próprios experimentos na sua propriedade, lê bastante, realiza cursos constantemente no Serviço Nacional de Aperfeiçoamento Rural/SENAR e disponibiliza o material que produz no perfil da Rede no Face-book. Portanto, tem acesso tanto ao conhecimento científico quanto aos saberes populares. Corroborando a prática e postura de Hércules, destaco que, na verdade, somos caipiras, tabaréus, capiaus-do-mato, jecas-tatus, que escrevem sobre as práticas no campo onde o campo somos nós mesmos.

É importante falar que o termo defensivo agrícola se refere a um grupo de substâncias sintéticas utilizadas para matar seres vivos considerados pragas ou predadores naturais de determinados cultivos, defendendo a produção agrícola, mas destruindo as interações ecológicas entre esses seres e o ambiente. Conseqüentemente, as cadeias e teias alimentares também são destruídas.

Acredito que, quando ele faz referência aos produtos finos, ele quis falar sobre o beneficiamento de produtos, ou seja, produzir um alimento a partir da

modificação de outro (milho, em bolo de milho; banana, em doce de banana; leite de cabra, em queijo de leite de cabra) para agregar valor, já que, sua propriedade e sua produção são pequenas. Essa fala pode nos conduzir a pensar que a lógica da produção agroecológica pode ser é a mesma do mercado capitalista, que só visa o lucro. Hércules deseja aumentar a arrecadação com a venda dos produtos, mas não podemos esquecer que eles são isentos de materiais sintéticos, que são causadores de doenças graves que podem até levar o indivíduo à morte. Ou seja, no caso de Hércules, os recursos naturais são preservados ou, até mesmo recuperados (recuperação de nascentes, de áreas degradadas) e a satisfação ou bem-estar do consumidor é prioritária ao lucro.

Sobre esse aspecto, vale destacar que John Wood (2003, p. 18 e 19) afirma que os custos ambientais e sociais não são incluídos nos valores tributáveis do alimento industrial. As despesas médicas, por exemplo, não estão computadas no preço do alimento. Todo ano, 80 milhões de americanos sofrem de males advindos de maus hábitos alimentares (diabetes, doenças cardiovasculares). Também a agricultura industrial aumenta os tributos dos contribuintes, com custos adicionais para limpezas dos depósitos de produtos tóxicos, a abertura e manutenção de aterros para o lixo doméstico e planos de seguro-saúde. Nos Estados Unidos, por exemplo, os alimentos de um prato de comida chegam a viajar mais de 2000 km do campo até a mesa. O custo de construção das rodovias, a manutenção, a poluição gerada e o efeito de aquecimento global estão escondidos, pagos em forma de taxas e o sacrifício de qualidade da vida no futuro, mas não calculados no custo do alimento. Dinheiro de impostos também é perdido para os incentivos dirigidos às fazendas industriais. Se os custos reais fossem acrescentados ao preço do super mercado, nem mesmo os mais ricos teriam meios de comprar alimentos. O alimento agroecológico reduz os riscos para a saúde e os custos sociais.

Quando perguntei a Hércules (entrevista, pergunta n. 2) os motivos pelos quais optou por este modo de produção de alimentos, ele argumentou: “eu não vejo como uma opção, é assim é, eu sou até um crítico um pouco dessa questão que é opção, porque vira nicho de mercado, e é o que tá ocorrendo com a agricultura orgânica. Na verdade, ela foi criada para solucionar um problema, e, na verdade, por causa dessa opção e aí virou nicho de mercado, não mudou nada,

não alterou nada e porque o sistema engoliu isso e continuou a mesma coisa. Eu não optei, acho que é a única maneira de se produzir alimento é desse jeito, não é opção, é uma obrigação. É claro que é uma obrigação prazerosa, mas é uma obrigação, não se pode produzir alimentos envenenados, então é, foi isso, por isso que eu não me formei em agronomia e é porque eles tinham um domínio gigantesco por direcionar toda a agricultura pro petroquímico, então é por isso, não é uma opção, é uma obrigação prazerosa”.

Quando Hércules diz que produzir com enfoque agroecológico “não é uma opção, mas uma obrigação”, acredito que ele quis dizer que se trata de um compromisso ético e responsável com a vida no planeta. Ademais, para os agroecologistas o alimento não é uma mercadoria, é um patrimônio, é uma maneira que encontramos de nos relacionar com nossa ancestralidade. Ele faz uma crítica à ideia de ser opção, dizendo que sendo opção, significa que existem outras e vira, na verdade, uma questão do mundo capitalista de quem seduz mais. Por isso, não se formou em agronomia, conheceu essa prática lá, no âmbito formal, mas faz uma ruptura, por um posicionamento político e ideológico bastante forte.

O conhecimento da Rede Agroecológica de Saquarema ocorreu através de seu canal eletrônico de divulgação. De acordo com Hércules, a Rede é um sonho de fomentar a produção e o consumo agroecológicos em Saquarema. A motivação para criar a Rede (entrevista, pergunta n. 3) “é porque a gente acredita numa agricultura minúscula, a gente não acredita só numa agricultura de grande escala, a gente acredita que a gente tem um problema que é o nosso país, é um país de extensão continental, né, então, todas as soluções, todos os problemas devem sair de macro soluções e não de micro soluções né, em pequena escala. A gente acredita mais na pequena escala, então a Rede, ela surgiu através disso, de incentivar pessoas que já tinham desacreditado e pessoas que têm um interesse novo, interesse de entender que a agricultura não precisa necessariamente de grandes espaços, hoje em dia existem técnicas que você pode em pequeno espaço produzir muito alimento. E o mundo tá se direcionando pra isso e infelizmente nosso país parece que tá retrocedendo muito nessa visão, então, a Rede ela foi criada por isso, ela tem o propósito de estimular, ela tá um pouco estacionada agora, porque tô me dedicando ao meu espaço aqui, o intuito dela é incentivar os quintais, que eu gosto muito do nome, os quintais agroecológicos”.

Aqui Hércules faz um lindo contraste entre soluções macro (pesquisa tradicional e clássica criticada por Santos, 2010) e as soluções micro (locais como um paradigma emergente e que parte do saber e da perspectiva local). Ele diz que o país está retrocedendo, o que concordo plenamente: um governo autoritário, a polarização política, quase 15 milhões de desempregados, sucateamento das instituições de ensino superior, redução de verbas para pesquisas, perda de direitos sociais e civis, reforma previdenciária etc... Estamos vivendo um momento histórico bastante crítico no que tange o desrespeito aos direitos sociais conquistados e ao ataque às minorias representadas e às camadas populares da sociedade, para citar apenas algumas das questões da contemporaneidade mais relacionadas ao presente estudo⁶.

Muito bom também o conceito e a proposta que Hércules traz de quintais agroecológicos ou quintais produtivos. Trata-se de uma tecnologia social praticada no quintal ou arredor da casa que utiliza os saberes populares das famílias e transforma o espaço em um território com significado socioeconômico e cultural. Nos últimos meses, venho desenvolvendo o Projeto QADEC (Quintais Agroecológicos Destinados às Escolas do Campo) que será apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola/PPGEA da UFRRJ, com o intuito de concorrer a uma vaga para o processo seletivo de mestrado.

As principais propostas de Hércules (entrevista, pergunta n. 4) são “estimular pessoas que tenham um histórico na agricultura e pessoas que a gente chama de novos rurais que saem dos grandes centros e vão para pequenos espaços e querem fazer alguma coisa, e a gente é, tem isso. Essa é uma das propostas e a outra das

⁶ Segundo Boaventura de Sousa Santos (2019), um golpe institucional impediu a presidenta Dilma Russel de prosseguir no cargo e pressões dos Estados Unidos ocorreram para ser eleito um presidente (Jair Bolsonaro) que não tivesse preparação para ocupar o cargo. Através de fakenews e outras formas de manipulação da opinião pública, Bolsonaro foi eleito. Assim, terra, minério e petróleo podem ser postos à disposição das multinacionais estadunidenses. O governo de Jair Bolsonaro, por meio do Ministério da Agricultura, comandado por Tereza Cristina (DEM-MS), anunciou o registro de mais 57 agrotóxicos, chegando a um total de 382, somente em 2019. Trata-se do nível mais alto de registros da série histórica, que começou em 2005. De acordo com o governo, o objetivo da aprovação de produtos genéricos é aumentar a concorrência no mercado e diminuir o preço dos defensivos, o que faz cair o custo de produção. Na avaliação de ambientalistas, a aceleração do ritmo de aprovações é uma forma de o governo Bolsonaro colocar em prática itens do polêmico projeto de lei 6.299/02, que ficou conhecido como “Pacote do Veneno”, ainda em discussão na Câmara dos Deputados (FORUM, 2019). A extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário/MDA, que cuidava da agricultura familiar e camponesa, pelo governo anterior (Michel Temer) e o aumento da comercialização dos agrotóxicos fortalecem o agronegócio e dá um duro golpe na produção agroecológica.

propostas é pesquisar e testar essas ideias, pra, de técnicas agroecológicas em pequeno espaço, produção de variados alimentos em espaços reduzidos e técnicas diferenciadas”.

Vale chamar atenção para o olhar de Hércules para as possibilidades existentes no micro, para a solução local, que nasce da perspectiva local e que reconhece os limites da sua ação, porque não quer ser universal. Lutar pequeno e continuamente é uma das causas da permanência da agricultura dos pequenos produtores camponeses, até os dias de hoje. Quando se coloca um produto no mercado para atender grandes demandas, atende-se a uma única dimensão, a mercadológica. O alimento é tratado como mercadoria e tem que ter determinadas características para ser comercializado, enfrentando uma enorme burocracia, enquanto os saberes ditos tradicionais são dizimados. É o que vem acontecendo com a agricultura orgânica que, para atender as exigências oficiais, cometeu o erro de produzir priorizando apenas um nicho de mercado, o elitizado.

Hércules tem consciência de que o pequeno produtor não usufrui dos mesmos benefícios da agricultura corporativista. Então, a solução dos problemas está no próprio território, através da cooperação mútua, onde todos são beneficiados. Segundo John Keith Wood (2003, p. 19), a agricultura em pequena escala reconstitui as comunidades rurais, preserva os valores rurais, cria mais empregos e aumenta a justiça social.

Corroborando esses pontos, Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 81), conhecido como Nêgo Bispo, no livro “Colonização, Quilombos: modos e significados”, apresenta um relato que dialoga bem com as reflexões trazidas por Hércules:

eu nasci no ano de 1959 no vale do rio Berlengas, numa comunidade chamada Pequizeiro, que fazia parte do conjunto de comunidades que formavam o povoado Papagaio, hoje município de Francinópolis, Estado do Piauí. Nessa região o uso da terra era demarcado pelas práticas e cultivos. Isso era tão forte entre nós que, apesar das pessoas mais velhas possuírem alguns documentos de propriedade, esses só tinham valor para o Estado. Para nós o que valia era os perímetros que chamávamos de extrema, demarcados pela nossa capacidade de cultivar e de compartilhar. Tanto é que a nossa roça era emendada com tantas outras roças que chamávamos de roça de todo mundo.

As iniciativas em agroecologia, que vêm sendo realizadas em Saquarema, nos últimos 4 anos, como feiras agroecológicas, cursos à distância e presenciais de

curta duração, hortas agroecológicas em sítios, palestras, demonstram que os dados que vêm sendo levantados e acompanhados indicam o aumento de interesse da população pela pequena produção, citada por Hércules.

A Rede é constituída de duas ações: a primeira, a Feira Alternativa e Agroecológica de Vilatur (FAAV, figura 9) e, a segunda, o Projeto ELA (Escola Livre de Agroecologia).



Figura 9. Feira Alternativa e Agroecológica de Vilatur.
Fonte: www.facebook.com/faavvilatur

A Feira teve início no mês de julho de 2018, funcionando no terceiro sábado de cada mês, de 8:00h as 12:00h, com 4 barracas. Na terceira edição, no mês de setembro, já contava com 16 barracas e, no momento, novos expositores demonstram interesses em participar da Feira. No entanto, as pessoas têm enfrentado dificuldades para executá-las pois, segundo Hércules (entrevista, pergunta n. 5), “as dificuldades, são praticamente é, acho que a questão de tentar convencer as pessoas que isso é possível né, e como não não, a grande mídia ignora tudo que tá acontecendo fora do país nessa função, então é, a grande maioria segue a tendência da grande mídia, então você captar pessoas é com certeza, é uma das dificuldades, e a dificuldade monetária de acelerar o processo seja, tenha resultado rápido, é pra que as pessoas olhem e falem assim: ah, pô, ele conseguiu resultado, então eu também consigo. Então, acho que o grande estímulo é isso, é gente ter esse espaço aqui que a ideia é produzir com técnicas né, como falei na pergunta anterior e demonstrando os resultados, divulgando os resultados, e aí através desses resultados, é as pessoas se interessarem em repeti-los”.

Hércules incentiva a micro-solução local em contraste com o que a grande mídia apresenta como discursos do possível e do que é realizável. Paralelamente

às propagandas do agronegócio direto nas TVs e aos discursos nos telejornais, ele vai na sua jornada hercúlea oferecendo à comunidade de Vilatur aquilo que pode: pesquisa, testa e disponibiliza os resultados de suas experiências, na tentativa de modificar as percepções que cada um tem sobre o alimento que põe na mesa. Falta um processo educacional no sentido de conscientizar as pessoas de que isso é possível. Hércules critica o saber formal institucionalizado que, ao invés de fomentar esse tipo de formação, educação e conhecimento, ensina e relaciona a agricultura ao petroquímico.

A dificuldade monetária comentada por Hércules, não é exclusiva. De acordo com Weid (2006, p.4 - 5), a política de crédito foi, sem dúvida, aquela de maior abrangência dos últimos três anos. Beneficiou por volta de 2,5 milhões de famílias no plano de safra 2005/2006 com o emprego de quase nove bilhões de reais. Entretanto, grande parte desse montante foi despendida em créditos de custeio orientados para a compra de insumos da agricultura industrial. Negociações entre o Grupo de Trabalho de Financiamento da Produção (GT-Financiamento), da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), e o Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf) resultaram na criação de mecanismos inovadores de crédito orientados para a transição agroecológica (Pronaf Agroecologia, Pronaf Semi-Árido, Pronaf Florestal). Apesar de terem sido implementadas, essas novas modalidades de crédito foram muito pouco acessadas, por não serem adequadas às condições dos agricultores ecologistas ou daqueles interessados em ingressar em trajetórias de transição agroecológica. Somam-se a esse fator as dificuldades dos agentes financeiros para operacionalizar esses créditos. Em outras palavras, entreabriram-se portas, mas poucos passaram por elas.

A minhocultora Joana⁷, ao ser indagada (entrevista, pergunta n. 6) para apontar os aspectos positivos e negativos dessa iniciativa, disse que “o início foi muito legal tá. Foi uma interatividade muito grande entre as pessoas que faziam parte da Feira. Hoje em dia, eu não vejo mais essa interação né, houve a mudança do local da Feira, teve pessoas que saíram, entraram novas pessoas, mas tá faltando alguma coisa que ainda a gente, eu pessoalmente não consegui identificar, objetivamente não sei se é a cultura do local é, tá meio complicado,

⁷ Assim como Hércules, e pelas mesmas razões, Joana é o nome fictício utilizado para preservar a identidade da minhocultora de Saquarema. Aparentemente, ela está na faixa de 50 anos de idade e não obtive informações quanto a sua escolaridade.

ainda não consegui definir muito bem. O, é isso, o aspecto positivo, no início foi muito bom e começou a se diluir. Hoje em dia, eu vejo muita preocupação à existência, à sobrevivência da Rede”.

A “falta de cultura do local” que Joana faz referência está associada ao processo de conscientização e educação que não precisa ser formal ou institucional (via escola ou faculdade) sobre as potencialidades e os benefícios da agroecologia. Falta haver consciência e reconhecimento de que é possível, é benéfico, é ético e bionteracional.

Os expositores são, em geral, moradores do bairro Vilatur, donos de pequenas propriedades que produzem hortaliças, leite, frutos, mel, mudas de plantas frutíferas, ovos, além da criação de pequenos animais, utilizando seus quintais e espaços, que antes eram ociosos. Joana afirma que as razões que a levaram a participar da Feira (entrevista, pergunta n. 1): “foi na época da greve dos caminhoneiros, através do face-book no grupo Vilatur online, surgiu a ideia e como tô aposentada eu achei que seria uma boa oportunidade de negócio e também para desenvolver a, o, potencial daqui de Vilatur mesmo né. Conhecer pessoas, tentar desenvolver, criar uma cultura é, de troca, é, na população de vilatur”.

Curioso perceber que o que motivou Joana foi a necessidade oriunda da greve dos caminhoneiros que tem uma base macro, global e capitalista. Ou seja, Joana ensaia uma solução local e micro para um problema macro. Ela não chega a fazer uma escolha consciente, mas ela enxerga na crise macro o potencial da solução micro.

Joana ouviu falar de agroecologia pela primeira vez (entrevista, pergunta n. 2) “foi exatamente na ideia da Feira de Vilatur. Conheci o Hércules, ele tem uma permacultura, aí comecei a escutar, a conhecer a prática de agroecologia”. A Feira permite, também, a participação de expositores oriundos de outros bairros.

Hércules é possuidor de algumas características bem interessantes: tem bom relacionamento tanto com os expositores da FAAV, quanto com aqueles que chegam para consumir os produtos ou apenas conhece-los; é muito curioso, ativo, não para um só momento; demonstra uma grande vontade de aprender; está sempre fazendo planos e compartilhando tudo que sabe. É um genuíno multiplicador das práticas agroecológicas em Saquarema.

A minha curiosidade em saber por que Joana se tornou minhocultora e produtora de adubo (entrevista, pergunta n. 3) foi respondida falando de sua relação com esses vermes “bem, por incrível que pareça sempre gostei de minhoca desde criança. Quando chovia, eu resgatava as minhocas nas poças d’águas, da onde eu morava. É, produtora de adubo, porque uma coisa levou a outra, comecei a pesquisar no youtube né, sobre minhocas, aí eu vi que o lixo da minha cozinha era um excelente matéria prima para fazer compostagem, vermicompostagem no caso né, e era um jeito de também reciclar e diminuir o lixo produzido aqui em casa”.

As facilidades atuais de acesso aos correios eletrônicos permitiu à Joana buscar conhecimentos novos, de modo informal, no youtube, sobre a eliminação da produção de lixo orgânico transformando em húmus, um insumo importantíssimo para a adubação e, conseqüentemente, para a agroecologia. Uma prática que pode ser considerada sustentável, pois é duradoura e integrada às outras atividades praticadas em sua propriedade e, ao mesmo tempo, biointeracional, ela não esconde as receitas que cria a partir do conhecimento que constrói, não faz segredos, compartilha.

Joana diz, ao responder (entrevista, pergunta n. 4), se conta com alguma ajuda no processo de produção, e ela diz que faz “tudo sozinha, às vezes quando tenho dúvida de manejo eu pergunto o Hércules, que ele tem muito mais prática do que eu”. O Hércules exerce naturalmente um papel de liderança na FAAV e, conseqüentemente, na Rede Agroecológica de Saquarema, constantemente é solicitado pelos demais expositores para tirar dúvidas e esclarecimentos sobre algo inerente à agroecologia. No entanto, a cooperação entre os integrantes da FAAV foi observada em vários momentos.

As dificuldades enfrentadas por ela para comercializar os seus produtos (entrevista, pergunta n. 7) são muitas, embora tudo seja feito com muito carinho: “a filosofia do bicho grilo, é, produtos que eu faço com todo carinho. Os meus produtos, procuro sempre a qualidade, o menor preço o possível, que minha filosofia é essa, é proporcionar a todo mundo ter acesso a adubos e eu também produzo repelente de lagarta e mosquito, ainda mais nesse período que a proliferação do mosquito, eu me senti basicamente uma agente auxiliando ao combate, as doenças causadas pelo mosquito né. Que é a base de citronela, cravo, então muita gente comprou, então eu me senti útil, isso aí. É, a dificuldade, é, as

peças não veem, não traduzem o preço, o esforço de cada produtor tá. E são poucas pessoas aqui de Vilatur, que vêm a nossa intenção como realmente ecológicas tá, as pessoas não pagam o que a gente produz, ah! Fica muito complicado. É que apesar, e além do mais, Vilatur é um bairro de veraneio, e então, na alta temporada, as pessoas só querem saber de praia e quando chega na feira não tem mais dinheiro. E quando é período de baixa, porque não tem ninguém pra comprar, então, realmente, é mercado consumidor mesmo tá, e falta de estrutura né, apesar da gente ter tido uma ajuda muito grande de uma pessoa aqui do bairro que conseguiu um espaço fenomenal pra gente. A gente não tá conseguindo é transformar esse espaço num espaço que as pessoas do bairro vão, vão vê, viver coisas diferentes e outro detalhe também que eu acho que contribui muito é a mobilidade urbana do bairro, o sistema de transporte aqui é quase inexistente. Então, só uma pequena fatia da população de Vilatur, quando vai que consegue ter acesso aos produtos da feira? Então, é estrutural mesmo, o problema é estrutural”.

Vilatur é um bairro de veraneio, como acontece com esses locais, os interesses geralmente se encontram sobre as atividades de lazer, turismo. Além disso, precisa desenvolver sua estrutura para se adequar ao aumento de veranistas que é comum nos períodos de férias, feriados e finais de semana. O transporte público é deficitário, bem como a iluminação das ruas, o comércio, e o sistema de coleta de lixo. É necessário um projeto de educação socioambiental, de conscientização com maior abrangência. Em outras palavras, as iniciativas que existem nesse sentido precisam ser mais coletivas.

Nesse momento, considero importante trazer à discussão o Projeto ELA (Escola Livre de Agroecologia), uma proposta bastante interessante criada pelo Hércules. Trata-se da construção de uma escola para oferecer um curso gratuito presencial de agroecologia aos estudantes da educação básica da rede pública escolar do local. As aulas ocorrerão no contraturno do horário das aulas do ensino escolar regular (10 vagas no turno da manhã e 10 vagas no turno da tarde), com duração de 18 meses e constituído por atividades como meliponicultura (criação de abelhas indígenas sem ferrão), criação de galinha caipira, caprinocultura (criação de cabras), hortas caseiras, piscicultura (criação de peixes), minhocultura (criação de minhocas). Nos últimos 6 meses de curso, o estudante opta por uma das atividades (por exemplo, criação de galinha caipira) para receber uma

formação mais detalhada e, ao concluir o curso, recebe um kit desta atividade (10 aves, por exemplo) para iniciar a produção em sua residência. A medida que, começar a produzir, o estudante devolverá para à escola o kit recebido, para que possa ser oferecido à outro estudante.

Joana aponta o que falta para o Projeto ELA ser iniciado (entrevista, pergunta n. 5): “é, tem vários fatores. Um dos fatores é capital, não tem capital, tô tentando levantar. Como era contadora do Curso Colégio pH, tô tentando levantar no final do ano é, carteira, material de audiovisual, essas coisas, pra gente, com o Chico e o Hércules, tentar montar a escolinha aos poucos. É, o outro dado também complicado, que eu gostaria que fosse aqui em casa, mas aqui em casa tem um problema jurídico, porque quando eu comprei o terreno, que fica de fundo, que era o terreno da minha amiga que eu comprei, eu não sabia que não podia é, desmembrar. Aí fica meio complicado mesmo, mas quem sabe. Acho que a médio, a longo prazo, se a gente, os mentores da ideia né, não fui só eu, foi o Chico da meliponário e o Hércules da permacultura. É, se a gente persistir nisso daí, acho que a gente consegue fazer. É, batalhar também por políticas públicas junto à prefeitura, o governo tá mudando muito né, aí a gente nunca sabe o que vem aí pela frente e, pra vê se há uma política que auxilie pro pequeno produtor. No meu caso, é fundo de quintal mesmo”.

Os argumento de Weid (2006, p. 4) nos ajudará compreender as dificuldades levantadas por Joana:

as poucas políticas de apoio à agroecologia implementadas até o momento ainda têm um alcance restrito. Em geral, são operacionalizadas por programas mal ajustados às necessidades concretas das famílias agricultoras ou, em alguns casos, ainda pouco demandados por elas. A cultura institucional de vários organismos executores das políticas de Estado também tem sido um entrave para que elas sejam acessadas por produtores e suas organizações. Habitados há muito tempo a rotinas operacionais concebidas para a implementação de um outro padrão de desenvolvimento, esses organismos encontram enormes dificuldades para operar em coerência com os conceitos e métodos do enfoque agroecológico. Apesar dessas limitações, as novas políticas permitiram destravar alguns programas governamentais, abrindo espaços para avanços (desiguais, é verdade) da agroecologia no plano nacional.

Trata-se de uma interessante proposta porque, à medida que os estudantes forem concluindo o curso e iniciando suas produções, uma nova Rede Agroecológica vai se construindo dentro da própria Rede Agroecológica de

Squarema, formada por sujeitos sociais de uma nova geração. Assim, formam-se multiplicadores das práticas agroecológicas e o movimento social agroecológico se fortalece.

A prefeitura de Squarema através da Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento e Pesca estabeleceu no centro do município a Feira Orgânica e Agroecológica. Segundo Hércules, por não atender as exigências oficiais dessa iniciativa, ficou impossibilitado de comercializar seus produtos. A criação da FAAV foi uma resposta para solucionar mais um entrave. Devido às dificuldades financeiras, a Feira iniciou suas atividades em um espaço oferecido na casa do Chico. Squarema carece de ações, projetos e programas que atendam às necessidades das famílias com o perfil analisado nesta pesquisa.

Neste momento, percebo o agravamento dos problemas socioambientais de Squarema e do Brasil por não ter uma educação que priorize o desenvolvimento das habilidades e inteligências dos estudantes. Nossas escolas estão preocupadas apenas em desenvolver as inteligências lógico-matemática e linguística. É uma escolarização apenas para atuar no mercado de trabalho, para atender aos interesses dos empresários que financiam campanhas políticas ou ocupam cargos importantes no Estado, eles são o próprio Estado. Isso se chama escolarização formal, e o que a escolarização tem feito com nossas inteligências múltiplas ou outras habilidades como trabalho com oralidade, artes, atividades esportivas? Esse modelo de escolarização parece ou aprisionar ou matar essas outras inteligências e habilidades.

Sem querer profetizar, quando as políticas educacionais forem efetivadas de fato e a educação for usada como um elemento que ajude o indivíduo expressar o que tem de melhor em si, o campo e a cidade assistirão a quarta Revolução Agrícola: ser humano e natureza em aliança, sem início, meio e fim.

Como vimos, até aqui, as dificuldades que a Rede Agroecológica de Squarema enfrenta para se estabelecer são inúmeras. Ao perguntar se recebe algum tipo de apoio (entrevista, pergunta n. 6), Hércules responde que “num recebe nenhum tipo de apoio. É como eu digo, ela é um bebê, então pouca gente conhece, pouca gente, as pessoas tão começando a descobrir, então, ela não tem nenhum tipo de apoio. É, até a gente já tá aberto a isso mas ainda não aconteceu”.

Diana, sua esposa, relata em conversa informal: “tentei convencer muitas famílias a construir quintais produtivos, mas não obtive sucesso, muitos preferem

comprar os produtos que precisam e, alguns, propuseram produzir e vender a produção diretamente a mim”. Resolvi, então, seguir em frente mesmo percebendo que não seria fácil. Fui diretora de uma Escola Municipal em Saquarema, realizei projetos em agroecologia com a ajuda do meu marido, mas, quando mudou a gestão municipal, não tive meu contrato renovado, pois não era concursada, e os projetos não tiveram continuidade”.

A intenção de tornar os quintais de casa como locais de produção de alimentos – quintais produtivos – é bastante discutida no espaço ocupado pela FAAV, bem como a produção de produtos orgânicos. Na Feira Orgânica e Agroecológica situada no centro do município de Saquarema, observa-se um número reduzido de consumidores adquirindo os produtos.

Perguntei ao Hércules (entrevista, pergunta n. 7) se as iniciativas em agroecologia, que acontecem em Saquarema, correm o risco de se tornarem um modismo? “Veja bem, eu acho que uma questão de sobrevivência. É eu vejo que a agricultura orgânica sofre mais esse risco de se tornar, acho até que se tornou modismo né, assim é, papinho de burguês, a um consumo produtos orgânicos e eu sinceramente nem defendo essa terminologia, é acho que o produto orgânico infelizmente veio, é com a gigantesca equívoco, nem sempre e na maioria das vezes, não é porque é orgânico, é agroecológico, então, o agroecológico é muito maior, muito mais extenso e muito mais responsável e sustentável que o orgânico. Então, por incrível que pareça existe um movimento muito grande dos orgânicos quererem abraçar o agroecológico, mas desde que se siga as regrinhas certificadoras delas, entendeu! Desde que, é, eu defendo muito que a relação produtor e cliente seja respeitada, eu acho que é o cliente que tem que dar o aval, o produtor, a relação ela tem que ser estreita, de responsabilidade, de intimidade e até de convívio. Então, é essa agricultura que a gente defende, então, tendo todas essas relações, é, a certificação é irrelevante, então, é o que eu digo virou é modinha, e virou, é a lei dos orgânicos que na verdade, que era algo pra estimular, na verdade veio, pra dificultar”.

Hércules, que produz queijo de cabras, conclui: “se eu quiser ter o selo orgânico eu tenho que ter uma cozinha da PARMALAT, mas só que minha, minha, mesmos padrões que a PARMALAT tem, só que em menor escala, só que é sem analisar o produto artesanal, sem analisar nada. Você tem que ter o mesmo padrão que a PARMALAT tem ou qualquer outra laticínio ou qualquer outro

indústria alimentícia. Então, um pequeno produtor como eu, é, fica inviável ter o selo orgânico, então, é aí, essa coisa que a gente, cê vai na França tem centenas senão milhares de produtores de queijo artesanal e que produzem em diferentes tipos, nem, nem pelo contrário, quanto mais é, artesanal for, mais *terrois*, termo que a gente usa para caracterizar o queijo daquela região, é, vai existir.. Então, é isso”.

Segundo Wood (2003, p. 19), corporações transacionais usam um sistema de produção que elimina os animais, destrói as comunidades, envenena a terra, solapa a biodiversidade e não eliminou a fome (como eles pretendiam). Eles dizem que esses danos colaterais são o preço que devemos pagar pela eficiência na guerra contra a natureza.

O consumo sem bom senso, incentivado pelas novidades apresentadas pela mídia, cria o modismo citado por Hércules e seduz as pessoas ao consumo não para atender suas necessidades e, sim, para atender as necessidades das empresas.

As contribuições que a agroecologia vem proporcionando à Saquarema (entrevista, pergunta n. 8), no olhar de Joana, são que “tirando minha meia dúzia de três, que tem uma visão, vamos dizer, ecológica, eu não vejo muita contribuição não tá. A cultura é muito tosca ou não tem trabalho, é, de conscientização, não tem não tá mesmo. Se eu disse que tá trazendo algum benefício, se há, é quase zero. Isso aí vai ter que ser um trabalho de formiga. O resultado só mede longo prazo junto com outras ações, outras iniciativas e muita articulação que hoje em dia não tô vendo tá. Talvez aconteça uma melhora se a associação de moradores conseguir vingar, que até hoje a gente não consegue tirar a ideia do papel por questões burocráticas, porque quem começou, quem deu muito apoio foi a associação, depois mingou, eu acho que a associação vai ter que abraçar a ideia de novo”.

Joana finaliza a entrevista dizendo que por “questão filosófica, tô vendendo a maior parte da minha produção no Rio de Janeiro, como constantemente eu tenho que ir ao Rio de Janeiro, as pessoas babam é, com os produtos que eu apresento, além do preço né, então a eles têm uma conscientização muito mais infinitamente maior que as pessoas que moram aqui, e é incrível, Vilatur pode se dizer que é uma área de proteção ambiental, as pessoas moram numa reserva, mora num lugar de preservação ambiental, mas ninguém tem a cultura, é incrível isso, eu não consigo entender realmente eu não consigo”.

A entrevista com Hércules foi finalizada perguntando-lhe que mensagem gostaria de deixar como agroecologista “eu acho que é uma luta, é gostaria muito que a agroecologia tivesse, que as pessoas valorizassem mais do que o orgânico, porque ela tem uma visão muito mais ampla do que o orgânico. E eu acho que quem trabalha com o agroecológico, que tem sim que se distinguir dessa categoria. É porque a mídia abraçou o orgânico de tal maneira que é uma mensagem mentirosa e aí tornou um nicho de mercado, diminuindo todo um conceito social, ambiental, é, então, eu acho que a gente que trabalha com a agroecologia tem sim é que defender toda, todo esse conceito grandioso que a nossa arte nos permite. E impondo cada vez mais o nome do agroecológico dissociando da agricultura orgânica. É uma luta que, é, vão ter baixa, mas eu acho que é importante para a agroecologia, é, cada vez mais, cada vez que eu falo, eu falo que sou agroecologista e não sou orgânico, porque tem gente que pode ser orgânico mas nunca chega nem perto de ser um agroecologista. Então, eu acho que a gente tem que lutar por isso, é, a gente tem que entender que a gente tá abrindo um espaço, é uma agricultura que veio do popular”.

Hércules encerra sua participação nesta pesquisa da forma que era esperada, ultrapassando os poros dos muros que separam os mundos rurais e urbanos, para abrir um espaço, que será ocupado, com certeza, por outras coletividades. Essa prática e relação respeitosa e ética socioambientalmente pode ser também encontrada nas palavras de Santos (2015, p. 81 e 82), o Nêgo Bispo, quando diz que extraía frutos nativos e até cultivados, sem precisar pedir permissão a quem os cultivava. A consideração que deveria ter era avisar o que tinha extraído. Talvez, por isso, até hoje muitas pessoas não entendem porque presenteavam até os desconhecidos com o que tinham de melhor nas suas roças. A beleza dos Trabalhos de Hércules está em compartilhar com seus companheiros de lutas do campo, o que tem de melhor. Meus sinceros agradecimentos, amigo caipira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de realização da pesquisa (de abril de 2018 a novembro de 2019), foram encontrados alguns focos de agriculturas alternativas, destacando-se em número de agricultores adeptos à permacultura, agricultura orgânica e a agroecologia. No entanto, percebe-se que a interpretação conceitual de cada uma delas é um tanto quanto confusa. Isto é, tudo acaba sendo chamado de agricultura orgânica por grande parte dos consumidores.

Acredito que tal dificuldade esteja associada à própria dificuldade do setor de se organizar e definir diretrizes para a popularização da produção a nível local e regional. Além de se tratar de práticas relativamente recentes, seus conceitos estão ainda em construção.

Outro ponto que não pode deixar de ser falado é que o espaço conquistado pelo agronegócio “sombreia” a visualização dos espaços ocupados por outros modos de atividades agrícolas. Não somente por questão territorial, mas também por questões político-econômicas.

A agroecologia no município de Saquarema ocupa áreas próximas às fronteiras com o município de Maricá, no Tinguí, e Araruama, em Bicuíba e Vilatur. Ela é praticada por famílias que reduziram e/ou eliminaram o uso de produtos sintéticos e de uma prática mais ética e cuidadosa com o socioambiente. A partir de conversas informais com Joana, Hércules e Chico, percebemos que todos têm uma fala em comum: “essa deveria ser a única forma de produzir alimento”. Ou seja, parece implícito nessa fala o conceito de Produção Biointeracional (SANTOS, 2015).

Não foram encontradas informações suficientemente confiáveis para afirmar quando e onde surgiu a agroecologia em Saquarema. Todavia, a presença da Rede em seu território traz respostas ao questionamento levantado na introdução desse trabalho, a saber: como trazer visibilidade e legitimidade a essas vozes, saberes e sujeitos populares subalternizados quando comparados aos conceitos e sujeitos científicos? A Rede explora dois pequenos espaços muito importantes, a Escola Livre de Agroecologia e a FAAV. No primeiro, é possível discutir os direitos civis e sociais, pois todos têm direito ao alimento de qualidade, em quantidade e diversificado, independente de ser agricultor ou não. As salas de aula também são

espaços de produção de cultura e construção de cidadania. No segundo, pode-se observar que a Feira não é somente um espaço de comercialização de produtos. Nela, ocorrem rodas de discussão, troca de saberes (culinários, medicinais), refeições compartilhadas, construção e socialização de conhecimento agroecológico local.

Outro questionamento levantado nessa pesquisa foi como as relações hierárquicas entre os saberes agrícolas e o saber dominante podem se relacionar, tendo em vista os interesses econômicos do mundo capitalista. Não é uma questão fácil de responder, os saberes agrícolas estão fortemente ligados à natureza. Eles são transmitidos de ascendentes para descendentes, de um para o outro. É um investimento para garantir a sobrevivência no momento presente e a sobrevivência das gerações futuras. Podemos entender esses saberes como patrimoniais daquela cultura local.

O conhecimento dominante, por outro lado, visa o lucro e, como tal, está muito mais próximo dos interesses econômicos do mundo capitalista. O capitalismo é uma economia sem moral e sem ética, e que institui como base a separação da espécie humana da natureza. A ciência (conhecimento dominante) tem que estar em diálogo ético e respeitoso com a natureza e não contra ela. Portanto, o saber dito tradicional agrícola é um saber-mãe, que antecede a ciência e que sempre supriu as necessidades dos povos.

Desse modo, respondendo o nosso último questionamento, a educação é o mais representativo instrumento para relacionar essa hierarquia de saberes e vozes com os sujeitos sociais envolvidos nas diferentes formas de produção. Os integrantes da Feira Alternativa e Agroecológica de Vilatur querem defender seus valores, seus modos de produção e de vida. Estudar a agricultura dos povos, que foi subalternizada pela colonização europeia e pela modernização tecnológica é uma forma de entender o biointeracionismo (SANTOS, 2015).

Precisamos discutir o Brasil, suas injustiças sociais e econômicas, suas diversidades e buscar soluções e respostas mais locais e agroecológicas para o mundo capitalista e sintético onde ainda vivemos. Os pequenos espaços são bons locais para fazermos isso, rodas de discussão, feiras, salas de aula e, quintais. Assim como, podem ser espaços de lutas contra o machismo, o racismo, o eurocentrismo da ciência, a subalternização de saberes e de pessoas. O desperdício de experiências humanas foi uma das grandes perdas do processo de colonização,

a escola como espaço de autoconhecimento, autodesenvolvimento e autorrealização pode impedir o aparecimento de novos epistemicídios. Creio que esta pesquisa seja uma contribuição importante e fundamental para a construção do conhecimento agroecológico local, assim como um incentivo para o movimento de busca de respostas locais por todo o globo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. P. de. Por um novo sentido à prática da agricultura. IN: **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5 ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004, 120p.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5 ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004, 120p.

AMATUR – Associação de Moradores e Amigos de Vilatur, 2018.

BRANDENBURG, A. **Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas**. ANPPAS, 2002.

CAPORAL, S. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA-SAF-Dater-IICA, 2004, 24 p.

CAPORAL, S. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre, 2004, 166 p.

FAO. Oficina Regional de la FAO para América Latina y el Caribe. **Desarrollo agropecuario: de la dependencia al protagonismo del agricultor**. 2.ed. Santiago, Chile: FAO, (Serie Desarrollo Rural n. 9), 1992.

FILHO, K. P.; TETI, M. M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**, Barbaroi, Santa Cruz do Sul, n.38, p. 45 – 59, 2013.

FONTANA, J. **Introdução ao estudo da história geral**. Tradução: Heloísa Reichel. BAURU: EDUSC, 2000.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2 ed. Porto Alegre: **Universidade** - Editora da UFRGS, 2000.

GUHUR, D. M. P.; TONÁ, N. IN: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788 p.

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riodejaneiro/squarema.pdf>. Acesso em: 13/05/2019.

IBGE. **Noções Básicas de Cartografia – Manuais Técnicos em Geociências / Departamento de cartografia**, Rio de Janeiro: IBGE, 1999, 130 p. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/squarema/panorama> Acesso em 13/05/2019.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das Agriculturas do Mundo: do Neolítico à Crise Contemporânea**. São Paulo/Brasília: Edunesp/NEAD/MDA, 2010, 568p.

ODUM, E. P. **Fundamentos de Ecologia**. 6 ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas. BIBCM – CEFET – Paraná, 2017.

PASSOS, E. ; KASTRUP, V. ; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2015, 207 p.

PETERSEN, P. F. Agriculturas alternativas. IN: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 788 p.

PRIMAVESI, A. M. **Agroecologia e manejo do solo. Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, setembro, 2008.

REVISTA FORUM. Disponível em <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro/governo-bolsonaro-quebra-recorde-libera-mais-57-agrotoxicos-total-so-este-ano-chega-a-382/>. Acesso em: 17/11/2019.

SANTOS, A. B. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília, 2015, 150 p.

SANTOS, B. de S. **A Crise na Venezuela**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1uNFCqvtolY>>. Acesso em 01/05/2019.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, S.; FRANCISCO, A. L. Aproximações entre fenomenologia e o método da cartografia em pesquisa qualitativa. **Anais do CIAIQ**, Investigação Qualitativa em Saúde. V. 2. 2017.

Vilatur entre as lagoas e o mar. **O Saquá: o jornal de Saquarema**, Saquarema, 06 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.osaqua.com.br/2010/02/06/vilatur-entre-as-lagoas-e-o-mar/>>. Acesso em: 25 out. 2019.

WEID, J. M. **Construindo políticas públicas em apoio à agroecologia. Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, abril, 2006.

WOOD, J. K. Os sete mitos fatais da agricultura industrial. IN: **Permacultura Brasil: soluções ecológicas**. Ano V, n. 12, Brasília, Rede Brasileira de Permacultura – Permacultura América Latina, 2003, 28 p.

ANEXO I



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa “**A agroecologia no município de Saquarema-RJ**”. Este estudo tem por objetivo identificar e mapear iniciativas agroecológicas no município de Saquarema-RJ, investigar os interesses dos sujeitos sociais que expõem seus produtos na Feira Alternativa e Agroecológica de Vilatur e as dificuldades enfrentadas para a manutenção da feira e comercialização dos produtos.

Você foi selecionado para participar de entrevistas e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação, por meio de nomes fictícios sempre que os resultados alcançados se tornarem públicos.

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento em qualquer etapa da pesquisa e sua participação é isenta de custos, assim como você não receberá nenhum pagamento por esta participação.

Você receberá uma cópia deste termo com o contato do pesquisador.

Declaro que entendi os objetivos da pesquisa e os benefícios da minha participação.
Concordo em participar.

(Assinatura do participante)

IFRJ – Campus Avançado Arraial do Cabo

Pesquisador: Hervaldir Barreto de Oliveira

Tel.: (22) 992220455

Email: hervaldirb@gmail.com

Participante: _____

Tel.: _____

Email: _____

Saquarema, ____/____/____

ANEXO II

Roteiro de perguntas da entrevista com Hércules, pequeno agricultor familiar e criador da Rede Agroecológica de Saquarema:

- 1) Como conheceu a agroecologia?
- 2) Por que optou por este modo de produção de alimentos?
- 3) O que te motivou a criar a Rede?
- 4) Quais as principais propostas dela?
- 5) Que dificuldades têm enfrentado para executá-las?
- 6) A Rede recebe algum tipo de apoio?
- 7) As iniciativas em agroecologia que acontecem em Saquarema, correm o risco de se tornarem um modismo?
- 8) Que mensagem gostaria de deixar como agroecologista?

Roteiro de perguntas da entrevista com Joana, minhocultora e produtora de adubo natural:

- 1) Que razões te levaram participar da Feira Alternativa e Agroecológica de Vilatur?
- 2) Quando ouviu falar de agroecologia pela primeira vez?
- 3) Por que se tornou minhocultora e produtora de adubo?
- 4) Você conta com ajuda no processo de produção?
- 5) O Projeto ELA (Escola Livre de Agroecologia) é bastante interessante, o que falta para ele ser iniciado?
- 6) Levando em consideração esse período de surgimento da Rede, o que pode apontar como aspectos positivos e negativos dessa iniciativa?
- 7) Que dificuldades tem enfrentado para comercializar os seus produtos?
- 8) Que contribuições a agroecologia vem proporcionando à Saquarema?